



FOLHA INFORMATIVA

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA - LISBOA

VISÃO DA GLÓRIA DE JESUS

Neste segundo Domingo da quaresma lemos a descrição da Transfiguração de Jesus diante dos seus discípulos. Ao iniciar o caminho da cruz, até à paixão e morte de Cristo, era importante mostrar já o fim desse caminho: a glória de Cristo e a nossa. Depois de termos meditado, no passado domingo, na luta contra tentações e o mal, hoje assegura-se que o processo termina com a vitória e a glorificação de Cristo. Também em nós a luta contra o mal nos conduz à vida. A catequese litúrgica deste domingo, centrada no relato da Transfiguração do Senhor, tenta produzir em nós o que Jesus quis proporcionar aos apóstolos com o acontecimento do Tabor. Historicamente, Jesus criou a cena da Transfiguração para levantar o ânimo dos primeiros discípulos, decaído pelo primeiro anúncio da paixão. Os apóstolos partilhavam com os seus contemporâneos judeus a esperança dum Messias terreno, guerreiro e triunfador, que havia de libertá-los do jugo opressor do império romano e estabelecer o judaísmo no mundo inteiro. Não podiam admitir um Messias sofredor a morrer violentamente às mãos dos escribas e fariseus. Pedagogicamente, Jesus ao princípio não falou do Messias sofredor e paciente, claramente anunciado por Isaías, para não afastar a adesão dos primeiros seguidores. Mas quando já estavam convencidos que Ele era o Messias, tal com o declarou Simão Pedro na sua confissão em Cesareia de Filipe, anunciou-lhes abertamente a sua futura paixão e morte a que se seguiria a sua Ressurreição. E os discípulos seriam também chamados a levar com Ele cada um a sua cruz.



Esta primeira parte da mensagem da transfiguração foi captada pelos apóstolos. Pedro, em nome dos outros dois presentes, sentenciou: **“como é bom estarmos aqui”**. E estava disposto a perpetuar a cena construindo ali três tendas: uma para Jesus, outra para Moisés e outra para Elias. Mas Pedro não se apercebeu que Moisés e Elias falavam com Jesus sobre a Sua morte que iria acontecer em Jerusalém. É certo que a Sua paixão terminaria na glória, mas seria precedida da Sua morte. Co-

mo dirá mais tarde, depois de ressuscitado: **“Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e ressuscitar dentro os mortos ao terceiro dia”** (Lc. 24,46). E se o discípulo não é maior que o Mestre, compreende-se que Paulo e Barnabé, no regresso da sua primeira viagem apostólica, resumindo a sua pregação concluíssem: **“temos de sofrer muitas tribulações para entrar no reino de Deus”** (Act 14,22). Ser cristão é, portanto, viver as duas lições do Tabor: a morte e ressurreição. É uma medalha com duas faces: abraçar temporariamente a cruz e viver com a esperança certa da felicidade eterna: não pode viver uma vida tétrica e fúnebre de masoquista a pensar que tudo acaba no sofrimento, mas também não pode viver pensando apenas no gozo que esta vida pode oferecer sem aceitar a cruz de cada dia, porque não se pode substituir a morada eterna por uma tenda de campanha nas paisagens aparentemente luminosas do planeta.

Que a vivência fervorosa da Eucaristia nos transmita o equilíbrio cristão entre a paixão e a glória, entre a cruz e ressurreição, entre a Sexta-feira santa e a Páscoa, para que seguindo a Cristo no Seu caminho da cruz, O acompanhem na glória do Tabor eterno.